

seminário Desenvolvimento do Litoral Norte em Debate

12 e 13 de abril de 2018



UFRGS
LITORAL

Disponível em
www.ufrgs.br/litoral

ORGANIZAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – CAMPUS LITORAL NORTE

COMISSÃO ORGANIZADORA

ANDRÉ DOS SANTOS BALDRAIA SOUZA

CÁTIA GRISA

CRISTIANINI TRESCASTRO BERGUE

ELISETE ENIR BERNARDI GARCIA

FELIPE MASCARENHAS

GABRIELA PEREIRA DA SILVA MACIEL

IAMARA ROSSI BULHÕES

IGNÁCIO M. BENITES MORENO

JONAS JOSÉ SEMINOTTI

MARLISE AMÁLIA REINEHR DAL FORNO

RONALDO WASCHBURGER

MONITORES

INGRID DE PAULA MARQUES

MARIA AUGUSTA DE QUADROS FABRÍCIO

VITOR HUGO DA SILVA OLIVEIRA



EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) E A EDUCAÇÃO DO CAMPO: POSSIBILIDADES E TENSIONAMENTOS NO LITORAL NORTE

Elisete Enir Bernardi Garcia, Iara Cristina da Silveira Justin, Carla Luz Salaibb Dotta, Ana Paula Danielli

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos; educação do campo; educação continuada; pesquisa.

Este texto mostra os resultados parciais da pesquisa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e a Educação do Campo: Possibilidades e Tensionamentos em desenvolvimento na UFRGS, Campus Litoral Norte, através do grupo de pesquisa que tem realizado trabalho de campo, mapeando as escolas que ofertam EJA nos municípios da região do Litoral Norte, cruzando dados disponibilizados pelas prefeituras com os coletados nas escolas. Uma das intenções da pesquisa é mapear a forma de oferta e sua proposta pedagógica da modalidade EJA nos municípios do Litoral Norte. Os dados obtidos até o momento mostram que nos referidos municípios a EJA, na sua maioria, é ofertada pela Rede Estadual. No entanto, quando se refere a oferta de EJA para os povos do campo ela, ainda, é inexistente. Cabe destacar que de acordo com o decreto 7352 de 4 de novembro de 2010 definem-se como populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural (BRASIL, 2010). Sendo assim, questionamos: como ficam os sujeitos do campo sem a opção de terem a oportunidade de estudar nos seus territórios e contextos culturais? Porque os representantes do poder público alegam não ter demanda, se em todos os municípios apresentam-se dados de analfabetos absolutos e funcionais com números consideráveis? Constatamos que a necessidade de oferta de EJA existe para área urbana e para o campo. Cabe destacar que no campo estão os maiores índices de analfabetismo. Ressaltamos que é de responsabilidade do poder público fazer o recenseamento dos analfabetos para estudarem. Em relação as propostas pedagógicas, identifica-se nos

relatos dos docentes que a cada ano a demanda da modalidade vem se modificando, ficando a EJA com um público cada vez mais jovem, sendo normalmente, estudantes do diurno sequencial que buscam a modalidade para concluir o Ensino Fundamental e Médio. Desta forma, os professores alegam que os conflitos geracionais estão presentes, criando assim novos cenários e desafios para a sala de aula. Este contexto demonstra a necessidade de formação continuada para os professores, mas não de formações generalizantes e, sim de espaços que possibilitem a articulação e inovação das práticas pedagógicas. Um espaço para dialogar, estudar e (re)inventar novas formas de identificar e construir os saberes cada vez mais múltiplos e complexos. São solicitações recorrentes nas escolas visitadas pelo grupo de pesquisa, que a possibilidade de interação entre universidade e comunidade aconteça. Sinalizamos, ainda, que o grupo de pesquisa está em sintonia com as necessidades locais apontadas pelos interlocutores da investigação e como resultado desse processo podemos destacar que estamos conseguindo atingir os objetivos propostos de potencializar e construir um espaço de estudo e de articulação, com objetivo de teorizar e desenvolver práticas pedagógicas inovadoras na educação de jovens e adultos. Além disso, acredita-se que a participação dos docentes e dos estudantes, como pesquisadores, mantendo contato direto com realidades concretas vem possibilitando a problematização e socialização de saberes acadêmicos e populares, contribuindo, dessa forma, para a melhoria da qualidade social da educação brasileira.